

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**A ESCOLA NA ESPECIFICIDADE DO SEU TEMPO E DO SEU ENSINO:
CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS¹
THE SCHOOL IN THE SPECIFICITY OF ITS TIME AND ITS TEACHING:
CRITICAL CONSIDERATIONS**

Ana Paula Kappke², Franciele Da Silva Dos Anjos³, José Pedro Boufleuer⁴

¹ Projeto de pesquisa realizado no curso de Pedagogia da Unijuí, vinculado ao projeto Razão Comunicativa e Educação: o Ensinar e o Aprender em Perspectiva Pós-Metafísica

² Aluna do Curso de Pedagogia da Unijuí e Bolsista de Iniciação Científica PROBIC/FAPERGS no período de fevereiro/2017 a julho 2017. E-mail: ana.paula.kappke@gmail.com

³ Aluna do Curso de Pedagogia da Unijuí e Bolsista de Iniciação Científica PROBIC/FAPERGS no período de agosto/2016 a janeiro/2017. Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências. E-mail: fran.anjos@hotmail.com

⁴ Professor Doutor do Departamento de Humanidades e Educação da Unijuí, orientador. E-mail: jospebou@unijui.edu.br

Introdução

A escola, para tornar possível a formação de sujeitos com horizontes de pensamento e de conhecimento alargados, necessita apresentar algo de diferente do mundo que até então a criança conhece e que tenha a ver com a especificidade do seu ensino. É preciso que a escola seja um lugar distinto, que traga conhecimentos diferentes daqueles que as crianças aprendem em casa, na rua ou no mercado. Levando em consideração esses pressupostos, que constituem algumas das hipóteses que viemos formulando ao longo de nossa experiência com a pesquisa, pensamos ser urgente rever o que mesmo de específico a escola traz, qual a razão de sua invenção/proposição, o que a torna indispensável e necessária para as novas gerações. Com base no esclarecimento desses sentidos que lhe são próprios, entendemos ser possível a escola “ganhar” as crianças para esse espaço e tempo de atenção para com o mundo, proporcionando-lhes novas e significativas aprendizagens que as transformem em alunos, sujeitos em seu processo de formação.

Assumindo essas questões buscaremos, em um primeiro momento, refletir sobre algumas concepções defendidas pelo ideário pedagógico atual e de como tais concepções parecem estar distanciando a escola de sua especificidade própria - principalmente por meio de uma demasiada ênfase em um suposto “mundo das crianças”, o que pode privá-las de uma experiência de fazer mundo comum, imprescindível para o convívio humano. As reflexões propostas estão pautadas em autores como Hannah Arendt, Fernando Savater, Jan Masschelein, Maarten Simons. Em um segundo momento apresentaremos as concepções defendidas pelo sociólogo britânico Michael Young, teórico que nos ajuda a compreender qual o propósito da escola ao defender que ela deve promover o desenvolvimento intelectual dos estudantes, por meio do conhecimento poderoso.

Metodologia

Os resultados da pesquisa que serão apresentados a seguir foram possíveis através de um

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

processo de leitura e reflexão das concepções defendidas pelos autores supracitados, bem como por meio da escrita, em que foi possível desenvolver e transformar concepções acerca da temática em questão.

Resultados e discussão

Segundo Hannah Arendt, a escola é a instituição na qual a criança inicia sua passagem do mundo privado (família) para o público (mundo), sendo, portanto, o espaço e tempo de viver o público, de fazer o afastamento do mundo privado para fazer parte do mundo humano comum. A escola, nesse sentido proposto por Arendt, deve representar o mundo para as crianças - sem ser propriamente o mundo - e, por assim ser, necessita se distinguir do mundo privado em que vivem. O ideário pedagógico atual - com seus processos pautados demasiadamente no brincar, no lúdico, na recreação - vem, de certo modo, afirmando um "mundo das crianças", e com isso abandonando essas crianças à própria sorte. Isto porque ao consentirmos, ou até mesmo fomentarmos a existência de um "mundo das crianças", as estamos deixando criarem suas próprias regras, a viverem sob a tirania de umas sobre as outras, ao mesmo tempo em que estamos nos eximindo da responsabilidade que nos cabe, como geração mais velha, de apresentar esse mundo humano comum às novas gerações. Arendt pontua que "sob o pretexto de respeitar a independência da criança",

[...] ela é excluída do mundo dos adultos e mantida artificialmente no seu próprio mundo, na medida em que este pode ser chamado de um mundo. Esta retenção da criança é artificial porque extingue o relacionamento natural entre adultos e crianças, o qual, entre outras coisas, consiste do ensino e da aprendizagem, e porque oculta ao mesmo tempo o fato de que a criança é um ser humano em desenvolvimento, de que a infância é uma etapa temporária, uma preparação para a condição adulta. (2002, p. 233)

Isso significa que é preciso conduzir as crianças para essa experiência de conhecer e renovar o mundo, e isso não pode se realizar brincando o tempo todo, como um certo ideário pedagógico atual pode, de alguma forma, levar a entender. Essa demasiada ênfase em um suposto "mundo das crianças", que, em certa medida, acaba por afastar a escola de sua especificidade própria, pode estar negando às novas gerações a oportunidade de inaugurarem algo novo, a oportunidade de um alargamento do horizonte cultural e, com isso, de elas compartilharem uma experiência de fazer mundo comum. Fernando Savater nos ajuda a compreender melhor essas questões ao pontuar que é uma ilusão ir à escola para brincar, pois o brincar e as coisas que dele derivam as crianças aprendem em casa, ou com algum amiguinho. Nesse sentido insiste que "à escola vamos para aprender aquilo que não nos é ensinado em outros lugares" (SAVATER, 2012, p. 98-99).

Em continuidade com esse movimento de defesa de uma educação para um mundo humano comum, reconhecendo que essa tarefa somente se torna possível através de um assumir de responsabilidades por nós, os adultos, a geração com anterioridade pedagógica, pensamos alguns elementos indispensáveis a essa tarefa, como autoridade, no sentido que Savater (2012)

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

apresenta, de “fazer crescer”; disciplina; amor ao mundo e às novas gerações, e condução, no sentido de caminhar junto.

A partir de tais problemáticas, e compreendendo as dificuldades que a escola vem encontrando para assumir as tarefas que lhe são próprias, reconhecemos a necessidade de pensar o que seria a tarefa primeira da escola. E já suspeitando desse excesso de funcionalidades que a escola assume hoje em dia, nos ocorreu a necessidade de refletir, ao modo de uma proposição para os problemas que a escola vive na atualidade, sobre a concepção de escola como *Skhóle*, proposta por Masschelein e Simons. *Skhóle* significa tempo livre de conhecer o mundo, de tornar-se liberto de todas as amarras sociais que limitam e reduzem o universo dos sujeitos. Os autores compreendem que o tempo escolar deveria ser destinado a “transformar algo em matéria”, tornando esse algo objeto de prática e estudo (MASSCHELEIN; SIMONS, 2015, p. 43). Nesse tempo escolar, entendido como um tempo de estudo, de dedicação e de atenção, é que poderíamos oferecer aos nossos alunos uma escola igualitária, que dá às novas gerações a chance de começarem algo novo.

Essa escola que os autores colocam em discussão muda as condições sociais das crianças em idade escolar, e isso acontece “porque ela as tira do mundo (desigual) de produção (e do mundo desigual da família e da ordem social) e oferece a elas a magnificência de um tempo-espaço igualitário” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 109). Essa é exatamente a essência da escola, o que a distingue das outras instituições: a escola era – e ainda precisa ser – o único refúgio que o cidadão tinha para ser igual, onde o “todos podem e são capazes” poderia acontecer.

Para o sociólogo e educador Michael Young a escola vem nos últimos anos apresentado uma atitude de descrença no papel do conhecimento ao direcionar suas práticas para um ensino baseado nos interesses dos estudantes, com o objetivo de motivar esses alunos e em oferecer uma educação mais relacionada com as experiências e com a futura ocupação profissional desses estudantes.

Young propõem que o papel da escola é promover o desenvolvimento intelectual dos estudantes através do conhecimento poderoso. O termo conhecimento poderoso refere-se ao que esse conhecimento pode possibilitar na vida de quem a ele tem acesso. Ele é poderoso pelos seus efeitos na vida de quem a ele tem acesso e se caracteriza pelo conhecimento especializado (conhecimentos da química, da matemática, etc.) que não estão acessíveis fora da escola ou pelo menos não para todos. Ao contrário do conhecimento adquirido no cotidiano, que é dependente de contexto e lida com questões isoladas, o conhecimento escolar é um conhecimento teórico e independente de contexto.

Na escola os alunos terão a oportunidade de tratar o mundo como um objeto de pensamento e não como um espaço onde se dão experiências com o mesmo. Enquanto que no universo fora da escola os estudantes, como filhos, cidadãos, trabalhadores, crianças, enfim, qualquer que seja sua condição, estão vivendo experiências no mundo e sobre o mundo, na escola eles tem a oportunidade de ampliarem seus conhecimentos acerca do mundo, podendo avançar para além de sua experiência.

O conhecimento poderoso expande o horizonte de pensamento e compreensão dos alunos,

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

permitindo que eles se libertem das circunstâncias a que estavam submetidos, vindo, assim, a se libertarem da experiência que os limitava, com o que podem vir a compreender melhor o mundo, interpretá-lo e atuar sobre ele de uma forma melhor.

O autor defende o papel e a importância do currículo como um instrumento para promover a aquisição de conhecimento, como um direito de todos. Em função disso propõe um currículo baseado em disciplinas, por ser essa a forma mais confiável para transmitir e adquirir conhecimento poderoso.

A partir de Young podemos compreender a distinção entre pedagogia e currículo. Enquanto o currículo é o conjunto de conhecimentos que promovem o desenvolvimento intelectual dos estudantes, a Pedagogia é todo o conjunto de ações do professor para que os alunos se apropriem desse conhecimento definido no currículo. Não sendo, portanto, papel do currículo motivar os alunos, como propõem algumas propostas curriculares, mas sim do professor.

Tentativas de incluir as experiências dos alunos em um currículo “mais motivador” obscurecem a distinção currículo/pedagogia e os papéis muito diferentes de formuladores de currículo e professores. Como a maioria dos professores sabe bem, eles têm de levar em conta as experiências e o conhecimento anterior que os alunos levam para a escola e o que os motiva inicialmente. Isso faz parte dos recursos que os professores têm para mobilizar estudantes, e constitui a base para que os estudantes se tornem aprendizes ativos. Isso, porém, é bastante diferente de incluir essas experiências no currículo. (YOUNG, 2011, p. 613)

Dessa forma podemos compreender que, independentemente das preocupações relacionadas com o interesse e a motivação dos estudantes, as escolas e as políticas curriculares não podem negligenciar o papel principal do currículo e da escola que é o de promover o desenvolvimento intelectual de crianças e jovens através do conhecimento especializado.

Considerações finais

Para que as crianças tenham reais oportunidades de se constituírem em sujeitos autônomos, críticos, reflexivos, cidadãos humanos e éticos, a escola precisa ser esse lugar diferenciado, que aposta que todos são capazes de conhecer os mais complexos saberes, de entender conteúdos e matérias sobre o mundo, que constituem o mundo e o explicam. A única coisa que a escola pode e deve oferecer às crianças, como instrumento para a igualdade e para a transformação da sociedade em um lugar melhor, é o conhecimento. Isso por que as crianças não encontraram essa oportunidade em nenhum outro lugar.

Diante disso podemos afirmar que a razão de existir da escola está no fato de ela oferecer esse conhecimento que não pode ser adquirido em outro lugar e que possibilita a emancipação dos seres humanos. Se a escola se limitar a oferecer aquilo que os alunos já sabem, ou em buscar outros objetivos que não seja o desenvolvimento intelectual dos estudantes por meio do

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

conhecimento poderoso, ela não está cumprindo com seu propósito.

Referências

ARENDR, Hannah. A crise na Educação. In: ARENDR, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. A pedagogia, a democracia, a escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. Em defesa da escola: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SAVATER, Fernando. O valor de educar. São Paulo: Planeta, 2012.

YOUNG. Michael. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 48, p. 609-623, set./dez. 2011.